

“O FRUTO BROTANDO VIDA”: POÉTICAS NEGRAS¹

Assunção de Maria Sousa e SILVA²

Universidade Estadual do Piauí / Universidad de Playa Ancha / CI
assuncaomaria@cchl.uespi.br

RESUMO: As poéticas de autoria de mulheres negras no Brasil repercutem em suas “falas-escritas” as condições e posições sócio-históricas e culturais dos sujeitos e sujeitas negras sobre as quais podemos refletir não apenas sobre os impactos dos mecanismos de poder e eliminação que recaem nos corpos negros, mas também sobre a potencialidade de existências em gestos e ações para protagonizar seus feitos no mundo. São escritas que insurgem, especialmente, a partir dos anos 1980, com o advento de *Cadernos Negros*, no cenário de reconsolidação das lutas dos movimentos negros. Este artigo pretende apresentar de que forma os poemas de Geni Guimarães, poeta e contista negra brasileira, revelam e desestabilizam os mecanismos de controle sobre a voz e o corpo negros, que o racismo e a necropolítica tendem a negar e/ou a eliminar. Os poemas nos convocam a pensar sobre os gestos e os atos poéticos insurgentes imbuídos de cosmopercepções negras femininas a tecer outras dimensões de existir que constituem uma literatura negra, afro-brasileira ou afrodescendente a se consolidar perenemente e a destituir os efeitos das “vidas blasfemas”. Tais reflexões estabelecem diálogos com as ideias de Achille Mbembe (2014), Daiana Nascimento dos Santos (2024), Toni Morrison (2019) e Miriam Alves (2022).

Palavras-chave: Poesia; Geni Guimarães; cosmopercepção; insurgências.

“EL FRUTO QUE BROTA LA VIDA”: POÉTICAS NEGRAS

RESUMEN: La poética de las mujeres negras en Brasil refleja, en sus discursos escritos, las condiciones y posiciones sociohistóricas y culturales de los sujetos negros, permitiéndonos reflexionar no solo sobre los impactos de los mecanismos de poder y eliminación que recaen sobre los cuerpos negros, sino también sobre el potencial de las existencias en gestos y acciones para protagonizar sus acciones en el mundo. Estos escritos surgieron, especialmente desde la década de 1980, con la aparición de los Cuadernos Negros, en el contexto de la reconsolidación de las luchas del movimiento negro. Este artículo busca presentar cómo los poemas de Geni Guimarães, poeta y cuentista negra brasileña revelan y desestabilizan los mecanismos de control sobre las voces y los cuerpos negros, que el racismo y la necropolítica tienden a negar o eliminar. Los poemas nos invitan a reflexionar sobre gestos y actos poéticos insurgentes, imbuídos de las cosmopercepciones femeninas negras, tejiendo otras dimensiones de la existencia que constituyen una literatura negra, afrobrasileña o afrodescendiente que se consolidará perennemente y disipará los efectos de las vidas blasfemas. Estas reflexiones dialogan con las ideas de Achille Mbembe (2014), Daiana Nascimento dos Santos (2024), Toni Morrison (2019) y Miriam Alves (2022).

Palabras-clave: Poesía; Geni Guimarães; cosmopercepción; insurgencias.

¹ Este artigo se vincula ao projeto de pós-doutorado “Barcas literárias em redes: um estudo sobre as interações de vozes e cosmopercepções de mulheres negras nas literaturas produzidas em África e nas Américas” desenvolvido no Departamento de Artes Integradas-Universidad de Playa Ancha-Chile.

² Professora Titular da UFPI – EBTT. Professora Adjunta da UESPI. Bolsista do CNPq.

BROTANDO PALAVRAS ... INÍCIO DO TRAJETO

Andamos carentes,
O passo da justiça se demora,
Enquanto dentro e fora
Agonizam as nossas aspirações de gente,

Só posso agora
Escancarar o peito, soltar meu bem-que-vi
E me calar por fora.
Porém, no falso cochilo,
Planejo inserir o húmus no âmago da semente.

Verei ainda (em meio ao falso cochilo)
O fruto brotando vida, curando todas as feridas,
Plantadas, cruelmente, no umbigo frágil dos inocentes.
(In: **Poemas do regresso**, 2020)

De que lugar nós construímos nossas enunciações com a chama de expressar como lidamos, situamo-nos e estamos afetadas pelas interdições na vida. As cercas interditas impostas pelas hierarquias das opressões intentam abalar o corpo negro submerso no processo de exclusão e de silenciamento. Elas também orquestram urros e vozes massacrantes com a tentativa de intimidar a existência negra nos estádios de futebol, nas ruas, ou em quaisquer lugares que, agora não mais com medo ou caladas, vozes negras insurgem contra o colapso de nossas aspirações. A escritora moçambicana Paulina Chiziane, ao receber o Prêmio Camões, em 2021, clamou a urgência de a África se reerguer diante da Europa. Maya Angelou, afro-americana, revigorou tal princípio da comunidade negra no mundo com o poema publicado em 1978 sob o título “Still I rise” (Ainda assim eu me levanto). No poema, a voz negra sentencia um levante urgente e necessário contra a necropolítica e/ou quaisquer formas de extermínio dos corpos e das aspirações negras:

[...]

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

[...]
 Pode me atirar palavras afiadas,
 Dilacerar-me com seu olhar,
 Você pode me matar em nome do ódio,
 Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.
 [...]

O poema de Maya Angelou (2017) nos encoraja e convoca-nos a não esquecer as frequentes tentativas de exclusão, os efeitos do racismo sobre nós e alerta-nos para a autopreservação e a cura de todas as feridas.

A escritora paulista Geni Guimarães (2020), nascida em 1947 no município de São Manoel – SP, começou sua vida literária publicando em jornais locais. Seu primeiro livro de poemas veio a público em 1979 e participou dos *Cadernos Negros*, n. 4, em 1981³. O poema “Construtória”, que atende não apenas como epígrafe a este artigo, mas também como foco de reflexão, expõe a condição de injustiça e as agonias do viver que tolhem as aspirações e disseminam o desconforto do eu em deslocamento. Deparamo-nos com um eu poético em estado de carência e sede de justiça, desenraizado, com suas aspirações sufocadas, porém desperto. As carências anunciadas pelo eu poético de Geni Guimarães, ao mesmo tempo em que o agonizam, dão-lhe impulso para chegar às constatações inequívocas sobre sua condição. O “calar por fora” é circunstancial e momentâneo. O calar é momento para planejar e organizar os passos da conquista dos espaços. Os “falsos cochilos”, muitas vezes, são estratégias de proteção para continuar vivas/os, nutrido/as por uma esperança renovadora.

A sociedade, forjada numa estrutura massacrante e mantida pela mentalidade capitalista, eurocentrada, machista e misógina delimita lugares de ocupação, “constrói muros”, projeta insensibilidades e canaliza hostilidade nas relações de afetos. Essa mentalidade excludente, fortalecida pelo racismo, mina as consciências de resistência e

³ *Cadernos Negros* é uma publicação longaeva de autores e autoras negros/as no Brasil, idealizada pelo escritor Luiz Silva - Cuti e o advogado Hugo Ferreira, em 1978. No início dos anos 1980, os *Cadernos Negros* passaram a ser publicados pelo Coletivo Quilombhoje. Ver mais em <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/editoras/1800-quilombhoje>.

impõe um processo de subjugamento que ratifica e sustenta estados de subserviência de quem menos tem possibilidade de se impor no emaranhado das relações de poder. A “engrenagem do racismo” (Santos, 2024) elimina as aspirações, uma vez que estrutura e capitaliza a continuidade das opressões, cuja lógica “boicotea la humanidad desta colectividad, pues pretende despojarla de su sentido de libertad y denegar su condición como sujeto libre e integrante de la sociedade” (Santos, 2024, p. 4). Por tal via de percepção da pesquisadora Daiana Nascimento dos Santos (2024), reiteramos a visão de que o racismo provoca a negação da coletividade negra na “qualidade de homens e mulheres de plenos direitos” (Santos, 2024, p. 4).

Esse projeto de eliminação ou de pressão sobre qualquer tipo de resistência tem a tentativa de cerrar a existência do ser negro ou negra em um processo no qual a vida se sucede em arremedo, bem enfraquecida e esgarçada por fios insuportáveis. No entanto, a visão pessimista, limitante e desnorteadora não é a que perdura no poema de Geni Guimarães (2020). Os versos expressam o plano, a ação orgânica da sublevação.

Só posso agora
Escancarar o peito, soltar meu bem-que-vi
E me calar por fora.
Porém, no falso cochilo,
Planejo inserir o húmus no âmago da semente.

Em contraponto a uma possível ação subserviente, o eu poético propaga “escancarar o peito, soltar meu bem-que-vi” e mover-se para sair da inapetência. “Planej[a] inserir o húmus no âmago da semente.” A orientação poética do possível é o introjetar-se e modelar uma atitude análoga a uma “compostagem natural” do ser através de um saber orgânico que venha do conhecimento, da adubagem da terra do eu (sujeito/a) na vida, para, a partir dali intervir e empreender outra forma de agir. Uma ação que não consiste numa verbalização frouxa, alienada, em um falatório desmedido,

mas resultante de uma consciente atitude com a qual se faz brotar outras dinâmicas capazes de curar o doentio estado de putrefação da sociedade burguesa, brancocêntrica e racista, mutiladora dos corpos negros.

Verei ainda (em meio ao falso cochilo)
O fruto brotando vida, curando todas as feridas,
Plantadas, cruelmente, no umbigo frágil dos inocentes.

Entendemos que é dessa enunciação resoluta que a poesia pode ser lida, erguida e acolhida. Isto é, considerar que a palavra poética, como testemunho e veículo de um profundo estado e vontade de emancipação do ser, delibera e desativa, pelo rigor de sua ação, a demora da justiça. No poema, a esperança funciona como adubo de cura das feridas das injustiças, pois fertiliza e dá vazão ao “construtório” da vida. O poema ilustra o teor reivindicativo e emancipatório vigorante no livro *Poemas do Regresso* (2020), uma coletânea de sessenta e dois poemas produzidos no decorrer de seu percurso literário que se somam, entre outros livros, aos consagrados *Leite do Peito - Contos* (1988), reeditado em 2001, e *A cor da ternura* (1989). No campo da poesia, Geni Guimarães também publicou *Da flor o afeto, da pedra o protesto* (1981), *Balé das emoções* (1993), reeditado em 2021, e *Terceiro filho* (1979), reeditado em 2022.

A “FALAESCRITA” INSURGENTE

A poesia de Geni Guimarães (2020) carrega a marca da contraposição ao racismo, à imposição de modos subservientes, explicitamente contra a “adulteração” (Morrison, 2019) das mentes subalternizadas introjetadas de valores e de status supremacistas brancos, como viemos reiterando neste artigo. Desse modo, é uma poesia feita no clamor da urgência da rasura no universo hegemônico do cânone e, por isso, desarticula os eixos historiográficos que contentam as pilastras da literatura brasileira. Podemos ver tal posição político-literária em “Versos da indignação” quando enunciam:

Às vezes, se me insinuam desejos de aceitação:
concordar opiniões,
aceitar todas as versões da bula do comodismo.
Tento esquecer o cinismo
que a massa lança no friso do meu saldo devedor,
adequar o meu discurso à fala da burguesia,
fingir que os conformes todos são reais democracia.

Mas o oitavo sentido, marcado a ferro e embutido
na placenta desta pele,
vai de encontro à minha raça,
enojada, estarrecida,
encurralada nos mangues dos artigos da justiça,
e o meu cansaço de engodo,
tropeça meu feto morto
nos semáforos das avenidas.

Como atar o nó da venda,
se a minha prole só come
nos porões da sociedade,
e se ainda crianças,
batucam suas esperanças numa caixa de engraxate,
no rosto só traz segredos,
dos becos de marginais?
Como fingir, me calar,
se a mulher negra é amarga,
violentada a toda hora,
se lhes indicam que a sarjeta,
o duro frio da rua, são meras opções de vida?

Como engolir este trem
que engole a minha etnia?
Como adoçar esta boca
que é salgada a toda hora
nas máscaras da embolia?
Como enganar esta dor,
nos corpos tomados calos,
nos peitos arfantes dos homens,
cujas pupilas lhe saltam
gritos miúdos:
vim com fome, estou com fome, sou com fome?
(Guimarães, 2020, p. 51-52).

O eu poético de Geni Guimarães (2020) solta os versos sufocados na garganta, aturcidos pelas opressões agenciadas pelo poder de quem tem a prerrogativa de decidir pelas vidas dos que estão na margem das decisões. Esses contundentes versos de indignação evidenciam mais uma vez quais as grandes mazelas que atravessam as vidas

das pessoas negras e pobres que têm fome do ter e do saber. Essa situação de opressão se assemelha à exposta no poema “Construtória”.

Em “Versos de indignação”, o eu poético procura mostrar como o discurso do outro busca sua concessão, visto que a carga de cinismo virulenta instala a disposição de compactuar com as engrenagens de dominação e controle que o sistema impõe em nome de uma “pseudo” democracia no solo brasileiro. Por isso, os versos enunciam:

Às vezes, se me insinuam desejos de aceitação:
concordar opiniões,
aceitar todas as versões da bula do comodismo.
Tento esquecer o cinismo
que a massa lança no friso do meu saldo devedor,
adequar o meu discurso à fala da burguesia,
fingir que os conformes todos são reais democracia.
(Guimarães, 2020, p. 51).

Então, a consciência inflamada, ciente do “engodo”, reacende a memória dolorosa “marcad[a] a ferro e embutido na placenta desta pele” e retoma sua autopercepção na dor das perdas e da condição de precarização imposta. Vigora, então, uma consciência desperta cujo desejo é destituir o terror do racismo do seu corpo e dos seus semelhantes que vivem em sentenças de morte. Nesse processo de necropolítica (Mbembe, 2018) já mencionado, o eu poético reflete e questiona:

Como fingir, me calar,
se a mulher negra é amarga,
violentada a toda hora,
se lhes indicam que a sarjeta,
o duro frio da rua, são meras opções de vida?

O que está em evidência nesse corpo-poema não é uma individualização, mas o corpo de uma coletividade negra confinada “nos porões da sociedade”. O eu poético em estado de sufocamento denuncia a cilada e o engolfamento de sua etnia. Do mesmo modo, evoca ou busca saída para o estado de fome. O poema expele a visceral dor

intensa, sufocante e desalentadora, para, ao mesmo tempo, denunciar a condição de marginalização e violência dos/as sujeitos/as nos becos, sem emprego, violentados/as sexual e socialmente: “a sarjeta, o duro frio da rua, são meras opções de vida” (Guimarães, 2020, p. 51). Diante do quadro social insustentável não se pode calar, não se pode fingir, tampouco engolir o racismo. Desse modo, parece não haver nenhuma resposta por ele encontrada, uma vez que o poema termina sob a tônica de incisivas indagações:

Como adoçar esta boca
que é salgada a toda hora
nas máscaras da embolia?
Como enganar esta dor,
nos corpos tomados calos,
nos peitos arfantes dos homens,
cujas pupilas lhe saltam
gritos miúdos:
vim com fome, estou com fome, sou com fome?

A poesia de Geni Guimarães (2020) vem sob o efeito de agravante ardência que, ao tocar nas grandes feridas, fazem-nas mais sangrarem, sob estado de angústia, em vigorosa tensão. A dor expelida no poema reacende o passado de herança escravocrata vociferando o presente. O que é ser negro e como a sociedade brasileira recompõe intermitentemente os rastros do tráfico nas mazelas das desigualdades. Se no poema “Construtória”, o eu poético exercita o sentimento de esperança do “fruto” que brota a vida para curar as feridas: “Verei ainda (em meio ao falso cochilo) / O fruto brotando vida, curando todas as feridas, / Plantadas, cruelmente, no umbigo frágil dos inocentes”; em “Versos de indignação”, a voz se revela no espaço de distopia pela impossibilidade imediata de modificação da realidade.

No percurso do poema “Versos de indignação”, a voz poética vai se dando conta da máquina de controle e do cínico domínio do poder da branquitude⁴ e, à medida que mostra esse circuito de violência e imobilidade, o poema também procede como instrumento de condenação ao processo de subalternidade. As realidades de supressão da vida e de negação de humanidade estarrecem o eu poético e, por conseguinte, o/a leitor/a, quando este/ esta é partícipe e não mero observador/a do estado de banimento do eu.

O eu poético está abalado com o “feto morto”, com as crianças que “batucam suas esperanças numa caixa de engraxate”, com a “mulher negra [...] violentada a toda hora” cuja indicação é a sarjeta. No poema, há uma tensão interna que semantiza a indignação quanto ao devir negro (Mbembe, 2014). Um devir conferido pela empresa da necropolítica na expropriação das humanidades, como já referido. Por essa mesma via, o poema revela uma linha quase imperceptível entre realidade e criação poética, quando não se distingue o que é o real daquilo que poderia ter sido - *poieis*. A poesia de Geni Guimarães circunscreve uma “falaescrita” cujo procedimento consiste em redimensionar a existência.

A estreita relação entre a experiência vivida e a experiência estética mobiliza, simultaneamente, o corpo da autoria e a feitura do poema. A argamassa do vivido ou testemunhado passa a ser, sob as feições da palavra, o plano, a estrutura e o produto que se aprimoram na recepção leitora. Se, por um lado, há dimensões literárias fundamentadas na ideia de representação, numa ação autorreferenciada, por outro, há também aquelas em que o ato criativo, mas do que representar, intervém enquanto vazão para rasurar o cenário hegemônico da literatura brasileira.

⁴ Branquitude enquanto sistema de um pacto de manutenção de poder e de controle sobre as linhas de força no sistema político, econômico e sociocultural. Sobre o tema temos uma reflexão basilar em *O pacto da branquitude*, de Cida Bento, 2022.

As poéticas de Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves e outras escritoras negras brasileiras, cujos projetos literários se engendram do vivido ou testemunhado, contudo, reinventado, como fonte e inspiração do processo de criação, reivindicam uma ação de feições estéticas bastante engenhosas cuja função é demolir, ou melhor, friccionar o mundo então pensado sob uma ordem que as ignora. Nesse sentido, a literatura produzida por elas se assenta numa cosmopercepção de “infinitos”⁵ modos de atuar como pessoas negras que não renunciam ao seu lugar e posição de pertencimento. Ao mesmo tempo em que essa literatura rasura, porque contesta, ela também cura e emancipa, porque realinha e intervém com a palavra como veículo desencadeador de outras formas contra-hegemônicas.

A poesia de Geni Guimarães (2020) nos faz lembrar certo momento do ensaio “Romantizando a escravidão”, contido em *A origem dos outros* (2019), de Toni Morrison. O ensaio retoma a cena em que as duas irmãs estão brincando, e a bisavó chega, descrita como “alta, com as costas eretas, apoiada numa bengala da qual claramente não precisava e cumprimentou minha mãe” (Morrison, 2019, p. 22). A avó diz para a mãe das crianças: “Essas crianças foram adulteradas”. A autora continua: “A bisa que tinha pele negra bem escura e minha mãe sabia exatamente o que ela quisera dizer: nós, suas filhas, e, portanto, nossos parentes diretos, éramos maculadas, não éramos puras” (Morrison, 2019, p. 22) ensinava, como diz a bisneta, “os ingredientes de uma inferioridade proveniente do fato de ser Outro”. Morrison afirma que, num primeiro momento, o fato de ser “Outro”, que queria dizer “menor”, não lhe marcou, porém, tal alerta a fez pensar muito depois sobre sua condição inserida numa “Outremização”, ou seja, como nos veem e nos definem. Morrison argumenta:

⁵ Tal noção remete à posição da escritora Cidinha da Silva quando nos convoca a pensar, a partir de seus escritos, nas *Tecnologias ancestrais de produção de infinitos* (2022).

Descrições de diferenças culturais, raciais e físicas que denotam “Outremização”, mas permanecem imunes às categorias de valor ou status são difíceis de encontrar. Muitas, se não a maioria, das descrições textuais/literárias de raça oscilam entre dissimuladas, nuançadas e pseudocientificamente “provocadas”. E todas elas possuem justificativas e pretensões de certezas destinadas a sustentar a dominação. Sabemos quais são as estratégias de sobrevivência na natureza: distração/sacrifício para proteger o ninho; caça em bando/busca improvisada por comida.

Porém, a tendência dos humanos de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados, tem uma longa história que não se limita ao mundo animal nem ao homem pré-histórico. A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle (Morrison, 2019, p. 23).

As reflexões de Toni Morrison refutam a romantização da escravidão e da exploração e, sob a mesma perspectiva, apresenta os efeitos do racismo científico que objetiva a “manutenção (ou mesmo o gozo) da própria diferença sem desprezo pela diferença categorizada do Outremizado” (Morrison, 2019, p. 27). Suas indagações confluem às indignações poéticas de Geni Guimarães sobre as quais não comportam dissimulações e distrações. A escritora brasileira expõe o ponto nevrálgico que distende as feridas dos corpos, sob controle, preparados para a manutenção do poder, por isso, a poesia prenuncia outro devir negro pelo qual se busca nova forma de “brotar” vida com as feridas curadas, conforme percebemos no poema “Construtória”.

Como podemos considerar o status da literatura nesse contexto? Toni Morrison enfatiza que “a literatura é especialmente e evidentemente reveladora ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual ela é adquirida” (Morrison, 2019, p. 27). A escrita poética de Geni busca desvelar as tramas por onde se estrutura e se conserva o estado de outremização e, ao enunciar, isto é, poetizar, o eu poético toma a condução de se autodefinir.

Nessa mesma perspectiva, recorremos aos escritos da escritora paulista Miriam Alves, com vasta produção e mais 40 anos de vida literária. Em “Translúcida”, que integra o livro *Poemas Reunidos* (2022), a poeta, romancista e contista escreve:

Sempre que a certeza vem fazer parte do meu mundo, questiono-me. Ávida de vida, sou. Existe um universo de pessoas e sentimentos infinitos. Infinitando toda a certeza. Tudo é. A existência da forma é nebulosa. A fantasia de tudo pensamos reter nas mãos. Não é. E é. Aquela estrela é cadente. Na velocidade da queda parece estagnada no céu. Igual a todas outras no seu brilho perante meus olhos. Estou assim. Apenas com a certeza do “sou”, fazendo som. Conheci o gosto amargo da vingança. Conheci o gosto amargo do desprezo. Conheci o gosto amargo do amor. Abracei uma solidão de ideal. Agora o céu está piscando como sempre piscou. Salpicado de estrelas como sempre esteve. Penso, foi apenas uma nebulosa. É agora. Fazemos o que acreditamos. Estamos fazendo o que é preciso. Como sempre. Creio! Creio e creio. Por mais que provas em contrário, o Humano é crível! Dentro de toda grandeza e limitação. Creio! E creio! O poder da construção e destruição das crenças e ideias está na capacidade de acreditar, investir e resistir. Eu tenho uma espada. Espada brilhante como prata em meio-dia de sol. Eu tenho uma espada de ouro puro fazendo reflexo de arco-íris na chuva do hoje e do amanhã. Por mais que tenham tentado me convencer do contrário, creio. E é possível resistir. Uma lágrima constrói um oceano dentro de cada um. Quem chora, quem é chorado, confundem-se no vaivém das ondas. Haja ondas! No meu braço sem abraços está todo o calor da ação. Neste oceano é que eu me nado. Eu me surfo. Seguro firme as espadas de ouro e prata. Vou. A ação de ir é a única ação possível no momento. Fazer poema, minha vida, existência, reticências. Resistir. Ir. A loucura sã do verso prende-me neste universo. Universo que às vezes desune as mãos (Alves, 2022, p. 64).

Essa prosa poética de Miriam Alves nos alerta para a necessidade do autoconhecimento em um mundo eivado de violência e solidão, como já tratado por Toni Morrison no ensaio supracitado. No poema, o corpo negro busca empreender seu lugar no mundo. Para isso é preciso reatar a crença em si mesmo e, por ela, investir e resistir. Miriam Alves retoma a possibilidade de resistir, uma vez que tudo é movimento e, por ser assim, faz-se necessário considerar o corpo como instrumento dinamizador da existência: “A ação de ir é a única ação possível...” para fazer do poema o lugar da resistência. Se Geni Guimarães enuncia que no “falso cochilo” há estado em que se pode planejar e atuar na inserção dos “húmus no âmago da semente”, Miriam Alves manifesta a ação em forma de nado, surfando e, pelo auxílio de uma deidade, semantizada nas “espadas de ouro e prata”, o eu poético se resguarda e age. Pelos

versos, esse movimento de ir resistindo, que não é harmonioso, nem pacífico, faz da vida poema, ou melhor, do poema a vida, inserção no mundo.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS ... A POÉTICA COMO “CORPO-CAMINHO”

Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia
(Evaristo, 2017, p. 17).

O que podemos concluir diante dessas posturas estéticas conferidas nas poéticas, exemplificadas nos dois poemas de Geni Guimarães e na prosa poética de Miriam Alves? Frente às dicções diversas e diferenças das autoras negras, o que podemos tomar como tênue fio (des)assemelhado na inserção poética negra no cenário brasileiro contemporâneo? São questões amplas que não comportam respostas superficiais e rápidas. Porém, podemos deixar como reflexão que essas escritoras vêm tecendo seus projetos literários, há mais de 40 anos, com dimensões poético-ancestral-políticas que gradativamente desestruturam os estratos excludentes e recompõem com “húmus”, térreo negro, uma literatura sofisticada, não domesticada, com vozes focadas nas feridas, não permitindo calar sobre danos que sufocam a dignidade negra.

As produções poéticas dessas mulheres da literatura negra brasileira contemporânea, a partir dos anos 80 do século 20, nas publicações dos *Cadernos Negros*, em meio à reconsolidação da luta do movimento negro no Brasil, tendem a desestabilizar as relações que se assentam no poder de controle e de mando, sejam essas formas de poder sustentadas pelo racismo, pelo machismo ou pelo classismo. Essas poéticas insuflam sopros de ideias e reflexões, numa cosmopercepção negra, feminina, a fim de destituir o efeito das “vidas blasfemas” (Evaristo, 2017), visto que, nesse gesto,

os sonhos, as esperanças e os atos insurgentes constroem o “corpo-caminho” que a escritora Conceição Evaristo ressalta com direcionamento ao tecer as contas de seu poético rosário.

REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya. Ainda assim eu me levanto. *In*: ANGELOU, Maya. **Cinco Poemas Traduzidos**. Tradução: Ana Calazans. Disponível em: <https://orderfromnoise.wordpress.com/2017/06/03/maya-angelou-cinco-poemas-traduzidos/>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- ALVES, Miriam. **Poemas Reunidos**. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.
- CADERNOS NEGROS. 4. São Paulo: Edição dos Autores, 1981.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. edição. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GUIMARÃES, Geni. **Terceiro filho**. 2. ed. Bauru: Editora Jalovi, 1979; Rio de Janeiro: Malê, 2022.
- GUIMARÃES, Geni. **Balé das emoções** (Poesia). 2. ed. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1993; Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- GUIMARÃES, Geni. **Poemas do regresso**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 12. ed. São Paulo: Editora FTD, 1989; 1998.
- GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito** (Contos). 2 ed. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988; 1989.
- GUIMARÃES, Geni. **Da flor o afeto, da pedra o protesto** (Poesia). 2. ed. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa/ Portugal: Antígona, 2014.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros**. Tradução: Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Daiana Nascimento dos. “Huellas del racismo en Água de Barrela, de la brasileña Eliana Alves Cruz, y en Volver a casa, de la estadounidense Yaa Gyasi”. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, jan./dez. 2024. DOI: 10.22456/1981-4526.137414. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/download/137414/93309/633939>. Acesso em: 02 dez. 2024.

SILVA, Cidinha da. **Tecnologias ancestrais de produção de infinitos**. Goiânia, GO: Martelo, 2022.

RECEBIDO EM: 29 de maio de 2025
APROVADO EM: 09 de agosto de 2025
Publicado em setembro de 2025